

CARTOGRAFIAS DO SOMBRIO: SUBJETIVIDADE E ALTERIDADE NO UNIVERSO GÓTICO DE FORTALEZA

DARK CARTOGRAPHIES: SUBJECTIVITY AND ALTERITY IN THE GOTHIC UNIVERSE OF FORTALEZA

Sandra Stephanie Holanda Ponte Ribeiro

stephanie.hpr@gmail.com

Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4795-3135>

RESUMO

Neste artigo, apresento uma discussão sobre os eventos musicais que compõem os circuitos de lazer de jovens “afinados” com o gótico – uma cultura alternativa que se tornou popular na Inglaterra no final dos anos 1970 – na cidade de Fortaleza, estado do Ceará. A pesquisa teve como objetivo refletir sobre como esses jovens vivenciam uma experiência com o universo gótico em diferentes espaços e eventos apontando para o caráter híbrido, fluido e espontâneo dos encontros. Nesses eventos, os jovens se abrem a novas experiências subjetivas que lhes permitem dissolver identidades, inovar os códigos e se movimentar desordenadamente. Nas festas, intensificam-se os processos de desterritorialização (DELEUZE, 1977) através do encontro com a alteridade. De modo geral, este artigo refere-se aos fluxos descontínuos que constantemente reconfiguram as experimentações juvenis.

Palavras-chaves: Juventude. Subjetividade na cidade. Estilo gótico.

ABSTRACT

In this paper, I present a discussion about the musical events that compose the leisure circuits of young people who has an affinity with Gothic – an alternative culture that became popular in England in the late 1970s – in the city of Fortaleza, Ceará, Brazil. The research aimed to reflect on how these young people experience the gothic universe in different spaces and events pointing to the hybrid, fluid and spontaneous nature of encounters. In these events, young people open up to new subjective experiences that allow them to dissolve identities, innovate codes and move without order. At parties, the processes of deterritorialization are intensified (DELEUZE, 1977) through the encounter with otherness. In general, this article refers to the discontinuous flows that constantly reconfigure youth experimentation.

Keywords: Youth. Subjectivity in the city. Gothic style.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresento uma discussão sobre eventos musicais com base no trabalho de campo realizado durante a pesquisa *Cartografias do Sombrio: Arte, subjetividades e performances no universo gótico de Fortaleza*¹, na qual acompanhei as trajetórias de jovens “afinados”² com o gótico em seus circuitos de lazer na cidade de Fortaleza, estado do Ceará. A pesquisa teve como objetivo refletir sobre como esses jovens vivenciam uma experiência com o mundo artístico³ gótico em diferentes espaços e eventos apontando para o caráter híbrido, fluido, desordenado e espontâneo desses encontros.

Os jovens que têm uma afinidade com o mundo artístico gótico são aqueles que podem ser reconhecidos, em termos de estética, através do uso predominante de vestimentas pretas – em geral, roupas inspiradas nos visuais de bandas do estilo *rock gótico* e nos personagens de filmes clássicos de horror e da literatura gótica. Eles costumam frequentar locais como boates, bares, casas de shows, cinemas no centro da cidade e cemitérios. Já a música gótica é resultado da mistura de diversos estilos musicais e artísticos, cujo principal expoente é o *gothic rock* que se popularizou na Inglaterra no final da década de 1970 com as bandas *Bauhaus*, *The Cure*, *Joy Division* e *Siouxsie and the Banshees*, entre outras. Em geral, as músicas são dançantes, caracterizadas por um experimentalismo centrado no som do instrumento contrabaixo, pelo uso frequente de baterias eletrônicas, teclados e vocais guturais de tom lamentador. As letras apresentam temas românticos, sombrios, macabros, pessimistas, que fazem referência à vida noturna e à morte⁴.

Apesar das características em comum que relacionam as diversas manifestações do gótico é possível perceber que elas se diferem na medida em que estão inseridas em contextos socioculturais distintos. Isso acontece porque, de acordo com Bittencourt (2015, p. 42), a indústria cultural não possui um poder homogeneizador e é impossível igualar os posicionamentos assumidos pelos jovens.

Há trocas através das quais práticas locais são transmitidas em escalas cada vez maiores, passando a constituir o que poderia se chamar de uma cultura “global” do gótico e, assim, modificando-a. Ao mesmo tempo em que aquela institui de certa forma as características comuns às diversas manifestações locais desse universo, demarcando um conjunto de práticas e conhecimentos que são acionados quando se tem o gótico como referência. Para Canevacci (2005), afirma-se um tipo de “galáxia juvenil transnacional” na qual “difunde-se um processo de traduções legítimas, de adaptações locais, (...) de tímidas hibridizações, de trocas assimétricas, de viagens incertas, de ansiedades obscuras e vitais” (CANEVACCI, 2005, p. 27). Conforme este autor, ao invés de somente imitação, homologação e subordinação, está emergindo algo mais complexo e desordenado.

Entretanto, ao observar as trajetórias de jovens “afinados” com esse mundo artístico na cidade de Fortaleza, percebe-se que as experiências construídas em torno desse universo ultrapassam discursos e definições do que se institui ou não como gótico em um âmbito “global”. Os jovens fortalezenses vivenciam o gótico sob o signo da abertura, produzindo uma multiplicidade de relações, fluxos e conexões com outros mundos possíveis. Conforme o interlocutor *Dunkle Seele*, a afinidade pelo gótico não impede o interesse por outros estilos musicais e estéticos. Em suas palavras:

Eu posso muito bem chegar e ouvir uma música *pop* e continuar sendo gótico, porque isso não vai influenciar no que eu sou e nem no que eu tenho como referência de música ou de outra coisa, porque o gótico

ele não prende, não é uma rotulação é apenas algo que eu estou aderindo para ter o gótico, minha cultura, meus costumes, porque realmente as pessoas têm gostos diferentes e é isso. (...) Eu posso me vestir do jeito que eu quiser, eu posso vestir branco, posso gostar de branco, e posso continuar sendo gótico. Então é como eu disse, o gótico ele tem as suas definições, seus conceitos, porém ele não se prende só a isso (informação verbal).

Na pesquisa, tive a oportunidade de acompanhar o jovem *Dunkle Seele*⁵ em diversos eventos musicais para além daqueles cuja temática está diretamente relacionada ao universo gótico. Os encontros durante os shows revelavam a forma mais intensiva de experimentação juvenil. Por meio deles, pude observar as singularidades que caracterizam os eventos e as performances relacionadas ao mundo artístico gótico, e, ao mesmo tempo, rastrear o movimento de afetos que atravessa as subjetividades desses indivíduos. No trabalho, priorizei o uso de técnicas de investigação como a observação de campo desses eventos, conversas informais face a face ou através da Internet e entrevista gravada.

Sobre o trabalho de campo, a noção de *experiência* é utilizada no texto no sentido de que a etnografia é, sobretudo, uma etnografia da experiência. Isto é, trata-se do registro de experiências vividas pelo pesquisador e por seus interlocutores durante a pesquisa de campo. Diógenes (2008, p. 23) afirma que:

A experiência, quando é vivida sob o signo da abertura, faz do pesquisador alguém que atua no centro da trama dos acontecimentos. Alguém que, ao ousar lançar-se em cartografias estrangeiras na condição de viajante, torna-se um instigante contador de histórias de outros mundos. Para compreender a experiência dos nossos “informantes” [...] é necessário que estejamos atentos às nossas próprias experiências (DIÓGENES, 2008, p. 23).

Para Diógenes (2008), a experiência é condição de compreensão do outro e, assim, de confecção da pesquisa. As experiências são, portanto, o lugar privilegiado de investigação das interações juvenis. Através delas é possível observar como se formam as relações, as conexões e, acrescento também, os afetos que atravessam os encontros em que esses indivíduos estão envolvidos.

Em seguida, discorro sobre como e onde ocorrem os eventos musicais que fazem parte das trajetórias de jovens “afinados” com o gótico na cidade de Fortaleza, buscando ressaltar alguns aspectos que singularizam esses encontros. Reflito também sobre como noções como juventude, cidade e festividade podem ser ampliadas para dar vazão às dinâmicas que compõem as experimentações juvenis. Depois, apresento um relato de campo do evento *Baile das Sombras* no qual procuro traçar como ocorrem os movimentos de desterritorialização dos mapas subjetivos desses indivíduos, ocasionados pelo encontro com o outro durante os shows musicais. De forma geral, este artigo refere-se aos fluxos descontínuos que constantemente reconfiguram as performances e as subjetividades juvenis.

FESTA, JUVENTUDE E SUBJETIVIDADE NA CIDADE

Ao longo da pesquisa, foi possível observar alguns aspectos que diferenciam os eventos frequentados por jovens “afinados” com o gótico na cidade de Fortaleza. Quando falo em “eventos” refiro-me a shows de bandas ou DJs – cujos estilos musicais podem estar ou não diretamente relacionados ao universo

gótico – geralmente orientados pela lógica do *underground*, na qual eles são promovidos de forma independente quase ou sem fins lucrativos ou mercantis.

Esses eventos geralmente ocorrem em locais fechados como o bar *Maria Bonita* (bairro Aldeota); o cinema *Cine Majestick* (centro); as casas de shows *Arena Hits Brasil*, *Berlinda Club* (no bairro Praia de Iracema, próximo ao centro cultural Dragão do Mar), *Beach Club*, *Batukaya* (bairro Praia de Iracema, próximo ao Estoril de Fortaleza); e, por fim, no *North Shopping Jóquei*. Eles acontecem comumente nos finais de semana, entre 21 horas às 5 horas da manhã, com a cobrança de ingressos que variam entre cinco a quinze reais. Grande parte dos eventos observados teve como atração musical a banda gótica *Plastique Noir*, dentre outras bandas de estilos como o *rock gótico*⁶, o *rock metal*⁷, a música eletrônica⁸ e a apresentação de DJs.

A primeira impressão que se tem ao observar os eventos acompanhados na pesquisa é o seu caráter *híbrido*. Há uma multiplicidade de atrações, shows com bandas e/ou DJs de diferentes estilos musicais em um mesmo evento; de espaços, como no caso do cinema *Cine Majestick* que geralmente exhibe filmes de teor erótico, mas se reconfigura ao abrigar o evento *Murak de cinema* com exhibições de filmes de terror; e de jovens com trajetórias, performances e interesses diversos que se agenciam num mesmo encontro. Sobre o assunto, *Dunkle Seele* comenta que:

Dos eventos, a gente espera a nossa diversão, a gente espera dançar, se divertir e justamente prestigiar as bandas, prestigiar o local e também mostrar a nossa estética, colocar uma roupa que a gente desenhou para ir para aquele evento, a gente se empolga. Então é como uma festa como outra qualquer, porém tem os seus detalhes, ela tem sua particularidade [...]. O público é mais jovem, mais velho, é de todo jeito, é bem amplo [...]. Então passa por todas as faixas etárias, passa por todos os meios sociais, tem gente do subúrbio, tem gente da classe social mais elevada. [...] A gente se mistura (informação verbal).

Isso ocorre em parte devido à pouca quantidade e periodicidade de eventos com temáticas especificamente góticas em Fortaleza, fazendo com que os atores frequentem eventos de outros estilos musicais ou mistos o que favorece as trocas culturais entre os jovens e a diversidade nesses meios. Quando se acompanha as trajetórias de jovens afinados com o gótico, se percebe suas relações com jovens afinados com o metal, com o punk, etc. Assim, apesar de manter uma forte afinidade com o gótico, esses indivíduos, ao se permitirem relacionar com outros mundos, impossibilitam, ainda que parcialmente, a captura de seus afetos por uma “identidade gótica”. A experiência com o gótico é marcada pela conexão com o outro. Além disso, a variedade de espaços em que esses eventos ocorrem – em diferentes locais da cidade – e de atrações musicais presentes neles possibilita abranger jovens de idades, classes sociais e afinidades culturais distintas. É essa pluralidade que caracteriza as práticas observadas durante a pesquisa.

Canevacci (2005), ao explorar os “fluxos móveis das culturas juvenis”, afirma que as culturas ditas “eXtremas” são “aquelas que se movimentam desordenadamente nos espaços comunicacionais metropolitanos e escolhem inovar os códigos de forma conflitiva” (CANEVACCI, 2005, p. 47), que se autoproduzem dentro dos módulos espaciais do interminável, onde recusam barreiras de síntese e identidade e interação de forma móveis, irrequietas e opositoras. Assim como as culturas descritas por Canevacci (2005), os jovens “afinados” com o gótico transitam pelas metrópoles de forma irregular, fragmentária, híbrida e transcultural. Eles atravessam espaços, eventos e devires-outros, deixando-se afetar em um transe musical. Mesmo que em determinados momentos, ele seja

capturado por formas identitárias e territorializadas, há sempre um movimento de fuga e desterritorialização que acontece logo em seguida.

O gótico nos módulos do “interminável” será discutido na próxima sessão deste artigo, o que interessa no momento é traçar algumas singularidades que ajudem a descrever os fluxos móveis produzidos pelas experimentações juvenis no campo estudado. Deve-se, primeiramente, atentar para um conceito de juventude dilatada, pensando os jovens “afinados” com o gótico como também intermináveis. Eles são de idades, classes sociais, profissões ou gerações diferentes, frequentam diversos eventos e espaços. Apesar de se perceberem através de uma afetação pela arte gótica, vivenciam suas experiências sob o signo da abertura. Eles se misturam a outras culturas e se deixam afetar por diferentes estilos musicais na medida em que essas relações se apresentam em suas travessias pela cidade. Os jovens “afinados” com o gótico ultrapassam fronteiras.

Na abordagem de Canevacci (2005), cada indivíduo pode perceber sua própria condição de jovem como “não-terminada”. Isto é, para o autor, a juventude não tem a ver com faixa etária ou com o período em que os jovens iniciam suas carreiras no mundo do trabalho, mas, sobretudo, trata-se de um “devir”, de uma autoconstrução relacional e híbrida no espaço temporário das relações possíveis entre os vários eus e o outro. Nas palavras de Canevacci (2005, p. 30):

Não se é mais jovem de modo objetivo ou coletivo, mas sim transitivo. Transita-se ao longo de uma condição variável e indeterminável, atravessa-se essa condição de acordo com modalidades determinadas pelas individualidades momentâneas do sujeito-jovem. Das contradições entre seus vários, heterogêneos, múltiplos eus (selves) (CANEVACCI, 2005, p. 30).

Faz-se necessário também referenciar a noção de cidade como o cenário onde ocorrem os eventos musicais e se constroem as experiências de jovens “afinados” com o gótico. Sobre o assunto, Canevacci (2005, p. 7) afirma que “o contexto panorâmico pelo qual passam as culturas juvenis assume a metrópole comunicativa e imaterial como o novo sujeito plural, diferenciado e móvel”. É na metrópole que “difunde-se o consumo, a comunicação, a cultura; os estilos, o híbrido, a montagem (...)” (CANEVACCI, p. 7).

Já para Guatarri (1992, p. 172), “as cidades são imensas máquinas (...) produtoras de subjetividade individual e coletiva”. De acordo com este autor, o que importa nas cidades de hoje não são seus aspectos de infraestrutura, de comunicação e de serviço, mas o fato de que elas engendram, por meio de equipamentos materiais e imateriais, a existência humana sob todos os seus aspectos. Isso significa que tanto as relações sociais (imateriais) e os espaços urbanos (materiais) que se constituem na cidade são responsáveis pela produção de experiências subjetivas.

Inspirada em Guatarri, Caiafa (2003, p. 92) afirma que as subjetividades, para aquele autor, podem ser entendidas “como produção, sendo o sujeito apenas um momento dos fluxos subjetivos em que esses processos se cristalizam numa identidade pessoal”. Desse modo, ao pensar os processos urbanos como componentes subjetivos, Guatarri admite uma subjetividade fora do sujeito, em constante atualização e processualidade, produzida por componentes heterogêneos que atuam na cidade (CAIAFA, 2003).

Caiafa (2003) revela que as cidades geram um poderoso espaço de exterioridade que se opõe tanto ao interior dos espaços privados quanto à interioridade do sujeito. Ao promover o contato e a mistura de indivíduos fora de seus ambientes privados, a heterogeneidade ali ativa dispersa focos de

identidade e as recorrências do familiar, introduzindo, assim, uma variação nos processos subjetivos. A experiência com o estranho e o inesperado é uma marca das cidades e essa exposição à heterogeneidade pode intensificar a produção de experiências subjetivas criativas e singulares. Em suas palavras,

A experiência com a variedade de estímulos nas ruas, com esses desconhecidos que cruzam nosso caminho – e com quem uma comunicação em alguns casos pode se estabelecer – modeliza afetos, perceptos, produz, enfim, subjetividade. [...] A possibilidade de ser afetado por estranhos é uma marca da vida urbana, uma imposição ou uma oportunidade no espaço das grandes cidades (CAIAFA, 2003, p. 92 et seq).

Desse modo, a cidade é o cenário privilegiado de produção subjetiva promovida, sobretudo, pelo contato com o outro. O “outrem” pode ser compreendido no trabalho de Caiafa (2003) como “operador de diferenciação”, caracterizado pela dissolução das identidades e pelos movimentos de desterritorialização. Para a autora, “o que as cidades nos podem trazer é precisamente a intensificação da experiência de outrem como expressão de um mundo possível. A comunicação vai se dar justamente no contexto das colisões e da experiência expandida desses outros mundos, dessas margens” (CAIAFA, 2003, p. 98).

Assim como ocorre na cidade, a festa é um acontecimento no qual também se pode “experimentar uma dissolução de fronteiras entre os corpos”. Conforme Diógenes (2003, p. 51), o espaço do baile – entendido aqui também como o espaço da festa e dos eventos musicais observados na pesquisa – é “um lugar fisicamente fechado e paradoxalmente liso, intenso, lugar mapa da cidade-em-movimento (sic), reterritorializações de desterritorializações nômades”.

Já Duvignaud (1983) afirma que a festa se apodera de qualquer espaço onde possa destruir e instalar-se. Ao promover o encontro de pessoas fora de seu cotidiano, ela constitui os suportes de uma experiência de excesso e de escape que intensifica as relações emocionais e os contatos afetivos. Marcada por momentos de prazer e alegria, a festa – enquanto acontecimento – destrói os códigos, as representações e as normas que regem a vida ordinária. De acordo com o autor, “ela não apenas viola, mas destrói os códigos e as normas, ao colocar o homem de frente a um universo desaculturado, a um universo sem normas, ao “tremendum” que engendra uma espécie de terror” (DUVIGNAUD, 1983, p. 67). Sua potência destrutiva e criativa subverte a existência cotidiana e anuncia rupturas e transformações sociais.

Por fim, os eventos musicais, nos quais se constituem os encontros de jovens “afinados” com o gótico, são marcados, sobretudo, por fluxos descontínuos de experimentação juvenil. Ao se deixar hibridizar, os jovens “intermináveis” se abrem a novas experiências subjetivas-subversivas, produções desejanças, que lhes permitem dissolver identidades, inovar os códigos e se movimentar desordenadamente. São nas festas e nas cidades, que se intensificam os processos de desterritorialização por meio do encontro com o outro – a alteridade como expressão de um mundo possível – o que será observado no relato de campo a seguir.

O BAILE DAS SOMBRAS E O ENCONTRO COM O OUTRO

A alteridade se torna não um jogo de interações, mas o pânico desejoso que me produz e que, de algum modo, eu contribuo para produzir (CANEVACCI, 2005, p. 74).

No dia 31 de agosto de 2015, ocorreu a primeira edição do evento *Baile das Sombras* com temática de *Halloween*⁹ na casa de show *Batukaya* (Rua das Tabajaras, em frente ao Estoril de Fortaleza). A festa tinha como atrações a apresentação de DJs e das bandas *Sleep of Right* (cover da banda *Lacuna Coil* de *rock metal*), *Land of Lemuria* (*rock metal*), *Selenya* (*rock metal*) e *Plastique Noir* (*rock gótico*).

Naquela noite, combinei com *Dunkle* de chegar um pouco mais tarde no evento, por volta de meia-noite, porque ele tinha outro compromisso mais cedo. Eu o encontrei no centro da cidade e o levei de carro até o local da festa. Quando chegamos, a rua estava lotada, pois também estava acontecendo o “Raloim” do *Mambembe*, que é uma casa de shows que se localiza ao lado da *Batukaya*. Foi muito interessante perceber a mistura de cores entre o visual dos jovens que frequentavam o primeiro espaço, com *dreadlocks*¹⁰ no cabelo e roupas coloridas, e o visual dos jovens “afinados” com o *rock gótico* e o *rock metal*, com roupas pretas e maquiagem carregada, que estavam presentes no *Baile das Sombras*. Quando finalmente chegamos ao evento, acontecia o show da banda *Land of Lemuria*, banda autoral do estilo *symphonic metal*. Algumas pessoas assistiam ao show em frente ao palco na parte interna do espaço, enquanto outras estavam sentadas nas mesas dispersas na área externa.

A *Batukaya* aparentava ser uma casa de dois andares cujo primeiro andar foi adaptado para ser utilizado como casa de shows. Na área externa, havia mesas e cadeiras a céu aberto, nas quais as pessoas aguardavam os shows bebendo, namorando e conversando com os amigos. Na área interna, bem mais escura que a área externa, funcionava apenas a iluminação do palco. Nela havia um longo salão onde estava instalado um pequeno palco no centro, no qual ocorriam os shows, com algumas mesas e bancos em frente. No final do salão, havia um bar que vendia água, cerveja e garrafas pequenas do vinho São Braz.

No evento, observei que alguns grupos se vestiam com uma indumentária característica do mundo artístico gótico: Homens e mulheres usavam *corsets* e espartilhos, saias e calças coladas, maquiagem mais elaborada, tops e blusas pretas, lentes de contato coloridas, coturnos e botas – muitas vezes com fivelas de metal e salto alto – e meias-calças rasgadas, listradas e com cinta-liga, etc. Alguns homens vestiam ainda blusas sociais ao estilo vitoriano com mangas bufantes e babados. Os cabelos eram curtos, raspados, coloridos, com penteados irregulares.

A maioria dos jovens “afinados” com o gótico estava sentada nas mesas na área externa ou circulando pelo espaço enquanto aconteciam os shows de *rock metal*, eles não pareciam muito interessados nesses shows. Acerca dos gestos, observei que, quando dançavam, eles geralmente moviam seus corpos de um lado para o outro, às vezes balançando os braços e a cabeça levemente, mas se mantendo sempre no mesmo espaço.

Já outros grupos de jovens apresentavam indumentárias mais características do mundo artístico do *rock metal*. Eles vestiam camisetas pretas com estampas de bandas daquele universo, jeans, sobretudo, calças e saias pretas, tênis, coturnos, alguns usavam jaquetas jeans com rebites de metal e patches¹¹ de bandas de *rock metal*. Os cabelos eram longos e as maquiagens mais elaboradas se restringiam as mulheres. Ambos os gêneros utilizam acessórios em couro e pulseiras grandes com *spikes*¹². Esses jovens estavam à frente dos shows de *rock metal* das bandas *Selenya* e *Land of Lemuria*. Eles se posicionavam próximos ao palco, “batiam cabeça” – movimento de jogar a cabeça com força e agilidade para frente no ritmo das músicas – e gesticulavam com as mãos um chifre¹³. Alguns jovens observavam aos shows escorados na parede ou sentados nos bancos apenas balançando a cabeça levemente.

Havia uma pequena parcela de jovens vestindo o que se pode chamar de roupas “comuns”, isto é, que esteticamente não fazem referências diretas a nenhum dos estilos artísticos celebrados naquela noite. Eles usavam jeans, camisetas, vestidos, saias coloridas. Por fim, algumas pessoas também usavam fantasias, já que se tratava de uma festa com temática de *Halloween*. Existiam fantasias de vampiro, fantasias de zumbis¹⁴ e maquiagens imitando caveiras, entre outros.

A observação das performances – entendidas aqui como as vestimentas que compõem a estética desses jovens e os gestos ritualizados executados durante os shows – se complexifica na medida em que elas se modificam, refletindo a fuga ou a captura das subjetividades juvenis. A performance, principalmente quando se refere às roupas e à aparência dos jovens, representa a expressão, por excelência, da captura identitária, já que ela proporciona a ultra visualização de signos e códigos que denominam as “afinidades” dos indivíduos. Contudo, a performance, quando trata dos gestos e das danças, é mais passível de ser alterada, tendo em vista que o encontro de corpos no momento do show pode dar vazão aos afetos que atravessam as subjetividades. Esse movimento será observado ao longo dos acontecimentos no evento *Baile das Sombras*.

Após o show da banda *Land of Lemuria*, o DJ W, irmão de *Dunkle Seele* deu continuidade às atrações da festa tocando músicas conhecidas do *rock gótico* e alternando-as com músicas do *rock metal*, se adequando, assim, as preferências dos diversos jovens presentes no evento. Depois, iniciou-se o show da banda *Selenya* de *rock metal*, uma das grandes atrações da noite. A vocalista vestia uma fantasia de bailarina, inspirada no personagem do cisne negro da obra adaptado ao ballet, *O Lago dos Cisnes*. Ela usava um vestido preto com saia curta de tule com detalhes imitando penas, meia-calça arrastão e sapatilhas de ballet também na cor preta. Na cabeça, usava o cabelo preso com um tipo de acessório com penas pretas. Os outros integrantes da banda vestiam roupas pretas mais comuns, como calças e camisetas.

Durante o show, vários jovens caracterizados com o universo do *metal* se posicionaram na frente do palco e começaram a “bater cabeça” e gesticular o “cornuto” com as mãos. Outras pessoas estavam sentadas nas mesas próximas ao palco, balançando levemente a cabeça no ritmo das músicas. A vocalista tinha uma voz forte e potente e a música contemplava os riffs poderosos do *rock metal*, as distorções de guitarra e o ritmo veloz da bateria, misturado a elementos sinfônicos como o vocal lírico. Enquanto os jovens “afinados” com o *rock metal* assistiam ao show, as pessoas mais caracterizadas com o mundo artístico gótico rodavam pelo espaço, bebendo, tirando fotos, conversando com os amigos, a maioria estava sentada nas mesas na parte externa da casa de shows ou circulando entre essa área e o bar.

Nesse momento, eu estava sozinha próxima ao palco observando o show. *Dunkle Seele* estava sentado nas mesas na área externa, conversando com os amigos e bebendo. Às vezes, ele circulava na parte interna para ver o show e depois voltava para a área externa. Era possível ouvir todas as músicas naquela área, de modo que talvez alguns desses jovens tenham preferido apreciar o show daquele local mais distante do palco e da concentração de jovens “afinados” com o *metal*.

Depois do show, o produtor do evento anunciou que a *Plastique Noir*, estava atrasada, mas que o show começaria em breve. Alguns minutos depois, a banda chegou e rapidamente montou seus instrumentos. No início do show, todos os jovens “afinados” com o gótico se posicionaram em frente ao palco, enquanto os jovens “afinados” com o *metal* sentaram-se nas mesas na área externa ou foram embora. O show ficou lotado. Em nenhuma das apresentações

anteriores havia tantas pessoas próximas ao palco, na parte externa as mesas estavam quase vazias. Os músicos da banda *Plastique Noir* vestiam roupas comuns, como camisetas, calça jeans e bermudas em tons escuros. A seleção das músicas foi semelhante à dos shows realizados em outros eventos com o acréscimo da música do primeiro álbum da banda, *Creep show*, e o cover da música *Shadowplay* da renomada banda gótica *Joy Division*.

Durante o show, pude perceber jovens com estilos bastante diferentes, havia indivíduos com indumentárias características do gótico, outros com roupas mais “comuns” pretas que aludiam ao universo do rock de modo geral, pessoas com fantasias de *Halloween* inspiradas nos personagens de filmes de terror, e até jovens com roupas bastante coloridas que entraram no evento apenas no momento do show da *Plastique Noir*. Todos dançavam, balançando o corpo de um lado para o outro e cantavam as letras das músicas, mas sem se movimentar muito pelo espaço ou se misturar aos demais grupos ali presentes.

Porém, na medida em que o show avançava, a excitação por parte da plateia foi crescendo e alterando os gestos e as danças até então performatizados. Os jovens pulavam com mais veemência, se abraçavam e dançavam esbarrando-se uns aos outros, gritando e aplaudindo a banda. Inclusive, alguns jovens “afinados” com o *metal* que estavam na área externa entraram no salão principal para assistir ao show, provavelmente motivados pela grande agitação promovida naquele espaço. *Dunkle Seele* fala que essa excitação durante os shows pode ser compreendida como um tipo de “alegria-triste”, em suas palavras:

A euforia gótica, eu gosto de chamar de “alegria triste” ou de “tristeza alegre”, porque geralmente as bandas são bem agitadas com letras sombrias e depressivas, que buscam essa parte sombria da musicalidade [...]. Então, como a música gótica envolve isso, a gente se sente eufórico justamente por isso e ao mesmo tempo faz com que a gente se sinta em um local que completa a gente. Como a gente quer tá em casa escutando uma música que nos faz bem, a gente pode ir pra um lugar se divertir e ao mesmo tempo se sentir bem escutando aquela música que a gente estaria escutando em casa. E a banda ao vivo é bem mais legal por isso. E também porque a gente pode conhecer pessoas novas é uma oportunidade pra isso (informação verbal).

Durante todo o evento *Baile das Sombras*, foi possível observar a reação de jovens com interesses e performances diferentes – principalmente aqueles “afinados” com o gótico e com o *metal* – às apresentações musicais executadas naquela noite. Enquanto as bandas de *rock metal* tocavam, os jovens “afinados” com aquele universo dançavam em frente ao palco e os indivíduos caracterizados com o universo gótico assistiam ao show de longe. Como estes jovens mantêm conexões com o *rock metal*, eu confesso que esperava que eles se unissem aos jovens “metaleiros”¹⁵ em suas performances nos shows e não ficassem distantes. Assim, apesar de se relacionarem com o *rock metal*, os jovens góticos não assumem uma performance que remete a esse universo. Eles apreciam esse estilo musical à sua própria maneira, produzindo uma performance que não é nem gótica e nem *metal*.

Isso demonstra que a abertura aos afetos e o modo como os corpos reagem a eles é sempre singular e subjetiva, ocasionando diferentes formas de sentir e de agir no mundo. Conforme Deleuze (2012), o *devir* é real e particular, ele se constitui através da relação entre dois termos heterogêneos que se *desterritorializam* mutuamente construindo, assim, uma nova forma de viver e de sentir. Não se abandona o que é para *devir* outra coisa, porém o fato de adotar um termo já o modifica ao mesmo tempo em que somos modificados por ele. Desse modo, esses jovens são impulsionados, pelos afetos dispersos nos shows, a experimentar um *devir-gótico*, um *devir-metal*, entre outros, que

decompõem suas subjetividades à medida que se inicia uma relação com um outro heterogêneo.

Bateson (2006) define como *cismogênese* o processo de diferenciação nas normas de comportamento individual, resultante da interação cumulativa dos indivíduos. Desse modo, é a interação com o outro que promove tais transformações nos indivíduos. Caiafa (2003) ressalta o papel produtivo do confronto na transformação dos processos subjetivos. Para a autora, agenciada por Deleuze, uma experiência subjetiva singular pode acontecer pela exposição à heterogeneidade. Nessa perspectiva, o outrem representa a expressão de “um mundo possível”, através do qual se inscrevem outros objetos, outras ideias, formando um campo de potencialidades. Assim, o outrem não se trata do encontro com diferentes identidades, ao contrário, ele é “um operador de diferenciação, que dissolve as identidades, as desterritorializa, leva-nos para longe de nós ao nos distrair com outros mundos possíveis” (CAIAFA, 2003, p. 97).

Nesse sentido, o show da banda *Plastique Noir*, ao reunir jovens com diferentes performances, afinidades e interesses promove o encontro com o outro, ou melhor, com os diversos outros. Indivíduos “afinados” com o gótico, com o *metal* e com uma variedade de estilos artísticos, dançavam juntos no estreito espaço em frente ao palco, envolvidos pela música, assim como os plásticos negros envolvem os corpos¹⁶. Isso acontece, não por se tratar de uma banda gótica, mas, sobretudo, pela capacidade de mobilizar corpos e afetos através das suas músicas. Atuando desde 2005, a *Plastique Noir* teve papel decisivo na divulgação do universo gótico em Fortaleza e era considerada a única banda representante desse estilo musical na cidade (RIBEIRO, 2012). Ao longo dos anos, sua ampla repercussão no cenário musical alternativo local e nacional fez com que a banda adquirisse uma grande quantidade de fãs além daqueles associados ao universo gótico, o que pôde ser observado durante o show.

Dessa forma, a *Plastique Noir*, ao agenciar diferentes subjetividades num mesmo espaço, produz um “confronto” por meio das performances executadas pela plateia. A exposição ao outro no decorrer do show provoca fluxos de intensidade que transformam as subjetividades juvenis. De acordo com Bittencourt (2015, p. 203), “é na performance que podemos perceber de forma mais intensa a produção desses devires. É como se a música destituísse momentaneamente os códigos sociais pelos quais se reconhecem (idade, gênero, grupo), permitindo a intrusão de novos vetores de subjetivação”.

Aceitar o encontro com a alteridade é estar aberto às possibilidades de criação de novos mundos, de novas experimentações. É através destes fluxos que a vida social se renova. Ao se permitirem agenciar por uma multiplicidade de desejos produzida nos encontros com os outros, as juventudes se transformam em algo revolucionário, pois possibilitam a formação de movimentos de fuga e de desterritorialização e impedem o fechamento em um ideal identitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, foi visto que os eventos musicais – onde ocorrem os encontros entre os jovens “afinados” com o gótico – são acontecimentos marcados pela diversidade de atrações artísticas, espaços e, principalmente, de indivíduos. Estes ultrapassam fronteiras culturais, de classe social e de faixa etária. Nesses eventos, os jovens se abrem a novas experiências subjetivas que lhes permitem dissolver identidades, inovar os códigos e se movimentar desordenadamente. Nas festas, se intensificam os processos de desterritorialização (DELEUZE, 1977) através do encontro com a alteridade.

A partir do evento *Baile das Sombras*, observou-se o encontro entre os jovens “afinados” com o gótico e os jovens “afinados” com o *metal*. Percebeu-se que, ao se relacionarem com outros *mundos artísticos*, os jovens góticos são motivados a experimentar novos *devires* (DELEUZE, 2012) que decompõem suas subjetividades a partir da relação com o outro. Conforme Caiafa (2003), o “confronto” com a alteridade possibilita a abertura a novos mundos possíveis, a novos roteiros de experimentação.

Com base nessas considerações, pode-se afirmar que as experiências dos jovens “afinados” com o mundo artístico gótico em Fortaleza podem ser compreendidas por meio dos fluxos descontínuos que compõem as experimentações juvenis. Suas vivências se distinguem pela diversidade de relações e de conexões que se formam durante suas travessias pela cidade; pela multiplicidade de trajetórias, eventos e performances; e pela abertura aos afetos que transformam as subjetividades desses indivíduos através desses encontros.

Ao acompanhar suas experiências, cheguei à conclusão de que estas se diferenciam, sobretudo, pelo seu potencial de mutação. Isto é, ao invés de buscar apreender seu funcionamento, as representações e sentidos que engendra, eu descobri, ao contrário, que elas não são passíveis de serem delimitadas. Os jovens constroem suas experiências através de fluxos, de hibridez, de movimentos desordenados, de travessias espontâneas. Nos encontros, suas “identidades” se reconfiguram na medida em que seus corpos são atravessados por novos afetos. Canevacci (2005, p. 34) propõe um novo sentido de identidade:

Uma identidade móvel, fluída, que incorporou os muitos fragmentos que – no espaço temporário de suas relações possíveis com o seu eu ou com o outro – se “veste” ou se “traveste” de acordo com as circunstâncias. Lá onde o olhar adulto só vê uniformidade, para os olhares intermináveis do jovem dilatam-se diferenças vitais, pequenas minúcias apaixonantes, identidades micrológicas (CANEVACCI, 2005, p. 34).

Por fim, o que a pesquisa objetivou de forma mais ampla foi buscar, na sensibilidade do *cartógrafo* (ROLNIK, 1989, p. 68), se colocar “na adjacência das mutações das cartografias, posição que lhe permite acolher o caráter finito ilimitado do processo de produção da realidade que é o desejo”. Ao observar os eventos musicais no mundo artístico gótico, procurei estar atenta a estas movimentações do desejo que marcam as experiências dos jovens pesquisados e que contribuem para a transformação de suas subjetividades. Entretanto, pesquisar é um esforço contínuo, de modo que a sensibilidade necessária para perceber as particularidades que constroem as paisagens psicossociais no campo amadurecerá cada vez mais em trabalhos futuros.

NOTAS DE FIM

¹ Refiro-me à dissertação concluída em 2016 no curso de mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará sob a orientação da Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes. Cf. RIBEIRO, 2016.

² Comumente referenciados como góticos, muitos desses indivíduos rejeitam essa denominação. De modo que opto pelo emprego da expressão “afinados com o gótico”, inspirada no trabalho de Medeiros (2008), para elucidar uma relação de “afinidade” que esses jovens mantêm com esse mundo artístico.

³ O mundo artístico é um conceito elaborado por Becker (2010) que define um conjunto de atividades desempenhadas por uma rede de cooperação de indivíduos com o objetivo de constituir um determinado trabalho de arte, tomando como base um repertório de conhecimentos e de artefatos já estabelecido anteriormente por práticas rotineiras e comumente compartilhado por todos. Utilizo esse conceito na pesquisa para referenciar

o universo gótico compreendendo-o a partir das práticas, fluxos e conexões que culminam das experiências de jovens com a arte gótica.

⁴ Na dissertação (RIBEIRO, 2016), apresento o *ethos* gótico em parte como a expressão de determinados sentimentos e significados nas atitudes e nos comportamentos dos jovens que tem uma “afinidade” com esse universo. Nas palavras de Bateson, esses indivíduos “(...) adotaram temporariamente um conjunto definido de sentimentos em relação ao resto do mundo, uma atitude definida em relação à realidade” (BATESON, 2006, p. 170). Os jovens “afinados” com o gótico, ao levantarem essas temáticas sombrias, não abraçam somente o lado “negativo” da vida, mas, acima de tudo, demonstram que é possível trabalhar os dois lados – o belo e o feio, a vida e a morte – ao “(...) tratar sentimentos melancólicos enquanto produtivos positivamente para o sujeito” (BILIATTO, 2012, p. 127). Seja através da produção de trabalhos de arte, que penso ser sempre fruto de uma criação positiva, ou dos encontros que promovem momentos de excitação e intensidade entre esses jovens.

⁵ *Dunkle Seele* é um jovem de 20 anos que trabalha como secretário pessoal e mora no bairro Henrique Jorge. Em entrevista gravada, ele contou que desde a época de escola tem uma afinidade pela arte gótica e atualmente participa de diversos eventos musicais – como público, produtor de eventos e DJ – e também escreve poemas e artigos inspirados no universo gótico.

⁶ O *rock gótico* (ou *gothic rock*) está associado a estilos musicais como o *pós-punk*, o *new-wave* e o *glam-rock*, produzidos no final dos anos 1970 na Inglaterra. A mescla desses estilos passou a ser conhecida como *gothic rock* por parte do público e alcançou seu apogeu na mídia fonográfica europeia na década seguinte, quando a “música gótica” torna-se, então, um fenômeno de massa e passa a incidir nas grandes metrópoles do mundo, inclusive no Brasil. De início, o *rock gótico* se situava no denominado *rock pós-punk*, caracterizado por letras sentimentais – diferentes das letras politizadas do *punk de 1977* – e pelo experimentalismo musical que inclui baixos destacados, guitarras dedilhadas, bateria tribal e minimalista, vocais graves e lamentadores. Assim, bandas que vinham se diferenciando gradativamente do *punk* ou que já surgiram com essa proposta mais introspectiva e obscurantista receberam a alcunha de góticas. Por volta de 1985, a música se afastaria mais do seu início *pós-punk* – ainda muito ligado ao minimalismo instrumental do *punk* – e definiria os elementos característicos do *gothic rock* (*rock gótico*), como a bateria eletrônica e o vocal grave, assim como uma temática mais sombria e soturna (NEPOMUCENO, 2007).

⁷ Neste trabalho, utilizo o termo *rock metal* para designar de forma geral os estilos musicais relacionados ao *heavy metal*, este produzido a partir da década de 1960 principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Alguns dos estilos que se formaram a partir do *heavy metal* e aparecem na pesquisa são: *Gothic metal*, *symphonic metal*, *doom metal*, etc.

⁸ Refiro-me a estilos musicais produzidos a partir do experimentalismo eletrônico de 1970, como o *Industrial* e o *EBM*, que no final dos anos 1990 se relacionaram ao universo gótico.

⁹ *Halloween* se refere à celebração, em vários países, do dia das bruxas. São atividades comuns de *Halloween* as festas à fantasia com espaços decorados com temáticas de filmes de terror.

¹⁰ *Dreadlocks* é uma forma de manter os cabelos sem cortá-los ou pentear-los para que se formem mechas grossas cilíndricas que se assemelham a cordas pendendo do topo da cabeça.

¹¹ *Patch* consiste em um pedaço de tecido com a inscrição de um símbolo, no caso daqueles observados em campo, tratava-se de nomes e emblemas de bandas do *rock metal*. São utilizados costurados em roupas e acessórios e tem a função de adorná-los.

¹² *Spikes* são pequenos objetos de metal no formato de pontas utilizados como acessório estético em pulseiras, colares e cintos.

¹³ Conforme Medeiros (2008), vestir preto, gesticular com as mãos um chifre e “bater a cabeça”, isto é, mover o corpo para frente e para trás e balançar a cabeça de um lado para outro no ritmo da música, são práticas que podem ser reconhecidas entre os jovens “afinados” com o *rock metal*.

¹⁴ Zumbis são retratados em filmes e livros como mortos-vivos sem consciência, possuindo uma pele apodrecida, que se alimentam de carne humana (por vezes de cérebros).

¹⁵ Como são denominados os jovens “afinados” com o mundo artístico do *rock metal*,

apesar do termo *headbanger* (batedor de cabeça) ser melhor aceito entre esses indivíduos.

¹⁶O nome da banda *Plastique Noir* se refere aos plásticos negros que guardam os cadáveres nos necrotérios. Essa metáfora parece explicitar o efeito da música da banda que, assim como o plástico negro, “envolve os corpos” durante os shows.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATESON, Gregory. *Naven*: um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo da Nova Guiné. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

BECKER, Howard S. *Mundos da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

BILIATTO, Carusa Gabriela Dutra. *A morte e seu duplo*: micropolítica das emoções no II Festival Woodgothic. 2012. 158 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

BITTENCOURT, João Batista de Menezes. *Sóbrios, firmes e convictos*: uma etnografando dos *straightedges* em São Paulo. São Paulo: Annablume, 2015.

CAIAFA, Janice. Comunicação e diferença nas cidades. In: *Lugar Comum*: estudos de mídia, cultura e democracia. Rio de Janeiro, n. 18, nov. 2002.

CANEVACCI, Máximo. *Culturas Extremas*: Mutações juvenis nos corpos da metrópole. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Kafka*. Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. v. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

DIÓGENES, G. M. S. *Cartografias Da Cultura e da Violência*: gangues, galeras e o movimento hip hop. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. *Itinerários de corpus juvenis*: o jogo, o baile e o tatame. 1. ed. São Paulo: Anna Blume, 2003.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica*: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

MEDEIROS, Abda S. *Cosmologias do Rock em Fortaleza*. 2008. 124 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

NEPOMUCENO, Airton S. *O Gótico Contemporâneo*: das tradições artísticas remotas às novas tendências culturais. 2007. 104 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

RIBEIRO, S. S. H. P. *Góticos na noite de Fortaleza*: cenários, atores e hibridismos culturais. 2012. 89 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

_____. *Cartografias do sombrio*: arte, subjetividades e performances no universo gótico de Fortaleza. 2016. 97 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SUBMETIDO EM: 05/04/2018

APROVADO EM: 14/05/2019